

UM CORPO NO MUNDO

Juliana Matsumura trabalha com diversos materiais e matérias, estreitamente ligados ao mundo natural em termos simbólicos. Algumas dessas matérias convocam a natureza enquanto utopia, desejo ou celebração. O seu trabalho denota uma metodologia rigorosa, quase ritualista, marcada por repetições e replicações de imagens e modelos gráficos, alguns de matriz científica, sendo outros registos fotográficos de arquivos históricos. Nos seus trabalhos observamos uma sensibilidade muito apurada e precisa, no que se refere à utilização de diferentes processos e técnicas para fazer as suas obras, onde predomina a manualidade, que é aplicada de modo proficiente tanto à pintura como ao desenho. Do mesmo modo, a presença da escrita aproxima-se da poesia visual, não ficando refém da expectável legenda: é um elemento que remete para uma leitura autónoma, sem perder de vista o contexto da obra onde é inscrita ou, ainda nesta complexidade, a modelação para conceber peças tridimensionais finalizadas por outros processos e meios artesanais.

A exposição é, deste modo, construída como uma sucessão de mapas auto-referenciais que ligam a sua memória pessoal à identidade colectiva e à memória recente do século XX, representada aqui pela diáspora que lhe é familiar, em atravessamentos do mundo entre o Brasil e o Japão. As pinturas, os desenhos, ou as esculturas são activados como um registo visual de memórias que se aproximam e se distanciam no espaço material da representação, indexado à forma (e à lógica) como a artista organiza e replica elementos de registos históricos e biográficos em cada uma das obras expostas. Alguns destes registos cruzam-se com outros de diferente proveniência, contudo agregados, se assim se pode dizer, numa linha de investigação e pesquisa pessoal que constrói esta cosmografia, como uma visão do mundo que lhe é familiar, mas que se encontra ainda por desvendar.

Por um lado, Matsumura elenca e reúne imagens e objectos, que constrói, no sentido de evocar uma memória constituída por narrativas que lhe são próximas e articuladas através de códigos e signos cujo significado e valor cultural conhece e domina. Por outro lado, principalmente nas telas pintadas e desenhadas, surgem elementos vegetais, seres marinhos que parecem invocar um universo fantástico e linhas como rotas marítimas, bem como estruturas helicoidais ou em espiral que enunciam movimento, energia e vida, talvez uma das metáforas possíveis de um corpo no mundo. Estas estruturas são recorrentes na obra da artista e resultam das suas pesquisas sobre a ciência e a natureza, neste caso em particular focadas nos estudos de um cientista e professor inglês, James Bell Pettigrew, renomado naturalista, anatomista e pioneiro da aviação. Este tópico pode ser exemplar no espectro de referências que Juliana Matsumura liga e entretece na evocação da história, por vezes trágica, por vezes bem sucedida, do trânsito migratório dos japoneses pelo mundo, a caminho do Brasil no navio La Plata, reproduzido em algumas das obras. Mas há também o som e o timbre de um sino característico de um templo budista japonês, ou a representação de um pentagrama taoísta que simboliza os elementos essenciais do mundo natural: o fogo, a água, a madeira, o metal e a terra.

Estas obras são outros lugares aqui, e outros mapas da história recente, da relação da arte com a vida nas memórias e reminiscências arquivadas em poéticas do fazer que nos trazem artefactos, ventos, travessias, pinturas e meridianos que desenharam uma corporalidade que atravessa o Mundo.

João Silvério - Curador

Texto revisado por José Gabriel Flores